



I SIMPÓSIO PARAENSE DE PLANTAS MEDICINAIS DA AMAZÔNIA

Avaliação da atividade antioxidante da casca de *Conocarpus erectus* L.

Kenji S. Kurogi¹, Allane P. S. da Paz², Lídia P. Cardoso³,
Lucimar D. P. S. Madeira⁴, Vanessa J. de Mello⁵

- ¹ Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará. E-mail: kenji.kurogi@icm.ufpa.br
² Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará. E-mail: allane.paz@icb.ufpa.br
³ Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará. E-mail: lidia.cardoso@icb.ufpa.br
⁴ Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará. E-mail: madeiraldps@ufpa.br
⁵ Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará. E-mail: vanessajoia@ufpa.br

Palavras-chave: Mangue-botão; Medicina tradicional; etnofarmacologia; radicais livres; decoção.

Muitas espécies da família Combretaceae são popularmente conhecidas em vários continentes por suas propriedades farmacológicas relacionadas à capacidade antioxidante advinda de seus metabólitos secundários¹. Pertencente a essa família, a *Conocarpus erectus* L. provém de áreas de mangue e é muito utilizada na medicina popular para o tratamento de úlcera estomacal, apesar de seu uso etnofarmacológico não ser bem documentado na literatura científica. Sabendo que efeitos antioxidantes são importantes para a recuperação da mucosa gástrica, o presente trabalho teve como objetivo iniciar as investigações a respeito do potencial fitoterápico dessa espécie a partir da avaliação da atividade antioxidante da decoção liofilizada da casca de *C. erectus* L. (LCE). O material botânico foi coletado em Salinópolis – Pará e preparado seguindo o método adotado pela população local. A casca da planta foi seca por 48 horas a 40°C, o material seco (200 g) foi submetido à decoção em água destilada (1 l) a 100°C por 10 minutos, e o decocto obtido foi liofilizado. A capacidade antioxidante do LCE foi avaliada *in vitro* utilizando o método DPPH (2,2-difenil-1-picril-hidroxila), onde o radical da molécula ao reagir com uma substância antioxidante sofre uma mudança de cor capaz de ser medida pelo comprimento de onda emitido usando espectrofotometria. Para tal, duas curvas foram feitas: a primeira com concentrações crescentes de DPPH (de 1 a 120 µM) e a segunda com ácido ascórbico (AA) (antioxidante padrão) em concentrações iguais às de DPPH². Uma solução foi preparada diluindo 120,6 mg de LCE em 0,5 ml de água destilada, a partir da qual diluições seriadas de 10x, 50x e 100x foram obtidas. O consumo de DPPH foi monitorado por meio da medição da absorbância em ondas de 515 nm. Os dados obtidos apresentaram normalidade ($\alpha=0,05$). A significância de cada concentração foi verificada utilizando análise de variância ANOVA com teste post-hocs Dunnett e Tukey, considerando $p < 0,05$. A concentração restante de DPPH foi menor na maior diluição de LCE em comparação com AA (120 µM) e esta significativa atividade antioxidante demonstrada sugere ação direta contra a formação de espécies reativas ao oxigênio³, que agem como doadores de prótons e eliminam radicais livres de DPPH. Assim, a casca de *C. erectus* L. aparenta potencial fitoterápico que pode validar o uso popular, necessitando de aprofundamento investigativo a partir de metodologias específicas para esse fim.

1. Eloff JN et al. J Ethnopharmacol.2008; 119: 686-699.
2. Mensor LL et al. Phytother Res. 2001; 15: 127-130.
3. Moon JK et al. J Agric Food Chem.; 2009; 57: 1655-1666.

Agradecimentos: UFPA e CAPES.

